

09 de Julho de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



PUXADA POR MINÉRIO DE FERRO, ROYALTIES DA MINERAÇÃO ATINGEM R\$ 2,1 BI NO PRIMEIRO SEMESTRE

O estado do Pará lidera o ranking de arrecadação, seguido por Minas Gerais; valor representa um crescimento de 1,3% no período

A arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM), o royalty da mineração, teve alta de 1,3% no primeiro semestre de 2020. A receita recolhida somou R\$ 2,1 bilhões no período, segundo dados da Agência Nacional de Mineração (ANM) compilados pela Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais e do Brasil (Amig). O estado do **Pará** lidera o ranking de arrecadação, seguido por **Minas Gerais**. Juntos, eles concentram 88,5% de toda a CFEM do País.

Sede dos principais projetos da Vale, o S11D e Carajás, o Pará levantou R\$ 1,035 bilhão com royalties de janeiro a junho. O montante representa um crescimento de 11% frente ao primeiro semestre do ano passado, quando passou Minas pela primeira vez no ranking. Palco da tragédia da barragem de Brumadinho em janeiro de 2019, Minas Gerais viu sua receita recuar 10,5% na primeira metade de 2020, para R\$ 834,5 milhões. Desde o rompimento da barragem o estado vem enfrentando a paralisação de operações da Vale.

“Essa queda (de arrecadação) em Minas tem duas principais causas: a dificuldade da Vale para voltar a operar com todas as suas operações de minério de ferro e o fato de a CSN estar em período de transição, diminuindo a produção de hematita para aumentar a de itabirito, um minério mais pobre”, diz Waldir Salvador, consultor de relações institucionais e econômicas da Amig.

A economista da entidade, Luciana Mourão, diz que a expectativa de médio prazo é que a Vale só recupere a capacidade de produção que tinha nas estruturas que foram paralisadas até o final do primeiro semestre de 2021. A despeito das dificuldades na retomada total, o Grupo Vale respondeu por 53,67% (R\$ 1,34 bilhão) do total de CFEM pago nos seis primeiros meses do ano. Em seguida vêm Anglo American (7,90%) e CSN (5,88%).

Os dados mostram que o minério de ferro continua sendo o carro-chefe da mineração brasileira. A commodity respondeu por 75,22% da CFEM gerada no período. Os preços do minério têm se mantido em alta, ancorados na redução da oferta global pela Vale desde o ano passado. Mais recentemente as preocupações com uma eventual interrupção de oferta do Brasil por causa da covid-19 e a retomada da economia chinesa ajudaram a impulsionar ainda mais a cotação do produto, que atingiu a máxima de US\$ 103 por tonelada em junho.

“O que se espera é que no curto prazo os preços se mantenham altos. Com a normalização da oferta global, deve haver uma pressão nas cotações e o preço deve cair no segundo semestre de 2020”, analisa Luciana.

Na balança comercial brasileira o minério de ferro e seus concentrados ocuparam o terceiro lugar no ranking das exportações brasileiras, com 9,27% do total de janeiro a junho. As exportações brasileiras de minério de ferro e seus concentrados atingiram US\$ 9,4 bilhões, uma queda de 3,7% em relação ao primeiro semestre de 2019. Já o volume exportado, houve recuo de 10,7% em relação ao ano passado.

Mesmo no cenário da pandemia da covid-19 a China segue como o principal destino do minério brasileiro, respondendo por 66,10% do total exportado na primeira metade de 2019, seguida Malásia (8,14%) - onde a Vale tem um centro de blendagem de minério -, Japão (4,12%) e Holanda (3,44%).

Fonte: Estadão

Autora: Mariana Durão

Data: 08/07/2020

MME PARTICIPA DE VIDEOCONFERÊNCIA COM EMBAIXADOR E EMPRESAS DO REINO UNIDO PARA TRATAR DAS PERSPECTIVAS DO SETOR MINERAL NO PÓS COVID

O Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia (MME), Alexandre Vidigal de Oliveira, participou ontem, 1, de videoconferência com o Embaixador do Reino Unido em Brasília, Vijay Rangarajan, dirigentes e representantes de empresas britânicas na área de mineração. O encontro virtual, organizado pelo Consulado do Reino Unido em Belo Horizonte e pela Câmara de Comércio Brasil – Reino Unido (Bricham), em Minas Gerais, teve como tema as perspectivas do setor mineral no pós COVID.

Durante o diálogo, o Secretário e o Embaixador britânico concordaram quanto à importância da mineração como instrumento para a retomada do crescimento econômico em meio à pandemia e ao cenário pós COVID. Na ocasião, Vidigal discorreu sobre a essencialidade da mineração no desenvolvimento de tecnologias limpas e a promoção do desenvolvimento sustentável no plano global. O secretário também reiterou a meta do Governo Federal, por meio do MME, de promover o crescimento e a expansão da mineração no Brasil, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, e, nesse contexto, destacou o inalienável compromisso do Brasil com a sustentabilidade.

Na oportunidade, Alexandre Vidigal informou que, em breve, será lançado o Programa Mineração e Desenvolvimento, que consolidará a agenda da mineração no País, congregando todos os atores relevantes. O embaixador Rangarajan, por sua vez, louvou o esforço do Brasil quanto aos compromissos de sustentabilidade na mineração, inclusive no que tange à segurança de barragens, e manifestou o apoio britânico à iniciativa “Women in Mining Brazil”, cujo plano de ação foi lançado recentemente.

As empresas participantes – Anglo American, Horizonte Minerals, Appian Capital, Arcelor Mittal, Verde Agritech, entre outras – manifestaram, em linhas gerais, o apoio do setor privado à política de mineração conduzida pelo Governo Federal. Realçaram a manutenção de suas atividades em meio à pandemia como expressão de sua confiança na contribuição da mineração para o crescimento econômico sustentável dos países.

Nesse contexto de debates sobre a mineração no pós COVID, Alexandre Vidigal participou, no último dia 24 de junho, da 5ª Conferência Brasil Alemanha sobre Mineração e Recursos Naturais, organizada pela Câmara de Comércio Brasil Alemanha de São Paulo. O evento contou com a participação da Subsecretária da Unidade de Política Internacional de Recursos Minerais do Ministério Federal de Economia e Energia da Alemanha (BMW), Andrea Junemann, e do Diretor Presidente da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM)/Serviço Geológico do Brasil, Esteves Colnago.

Fonte: Ministério de Minas e Energia

Data: 03/07/2020



FUTUROS DO MINÉRIO DE FERRO E AÇO NA CHINA SOBEM COM OTIMISMO SOBRE DEMANDA

As fortes preocupações sobre suprimentos futuros de aço e o otimismo em relação à demanda do metal mais usado na construção levou o aço e seu principal ingrediente, o minério de ferro, a encerrarem a quarta-feira (8) em alta na China.

No caso da matéria-prima siderúrgica, o contrato mais negociado na Bolsa de Mercadorias de Dalian chegou a registrar alta de até 3,1% durante as negociações do dia, para encerrar com ganhos de 2,74%, a US\$ 112,38 a tonelada. O ativo avançou 3,4% no comércio da tarde na Bolsa de Cingapura.

O preço spot do minério de ferro de referência com 62% de conteúdo para entrega na China encerraram o dia com avanço de 1,97%, cotado a US\$ 106,30.

Os futuros de aço da China também subiram na quarta-feira com otimismo sobre as perspectivas de demanda dos principais consumidores de metais do mundo, enquanto os baixos estoques domésticos também deram apoio.

O vergalhão de aço para construção na Bolsa de Futuros de Xangai fechou 1,8% a mais, a 3.702 iuanes (US\$ 527,61) por tonelada, avançando pela quinta sessão consecutiva.

As bobinas a quente, utilizadas em carros e eletrodomésticos, subiram 1,9%, enquanto o aço inoxidável, 0,8%.

Os preços do aço permaneceram resilientes, apesar da fraqueza sazonal na demanda a jusante, principalmente de vergalhões, pois as inundações no sul da China e as fortes chuvas em todo o país desaceleraram as atividades de construção.

"O sentimento do mercado permanece otimista, ditado pelos fortes preços das ações", disse Richard Lu, analista sênior da consultoria CRU em Pequim.

As esperanças de recuperação econômica e apoio regulatório e de varejo ajudaram as ações da China a estender os ganhos para a sétima sessão na quarta-feira.

"Parece que os participantes do mercado ainda estão confiantes no crescimento macroeconômico no segundo semestre, e muitos pensam que a interrupção climática de curto prazo (na China) será compensada mais tarde", disse Lu.

Os estoques de aço no gigante asiático permanecem baixos, apesar do crescimento observado nas últimas duas semanas. Os estoques de vergalhão e bobina a quente caíram mais de 40% em relação ao pico deste ano, mostraram os dados da consultoria SteelHome.

Outros ingredientes siderúrgicos também subiram, com o carvão metalúrgico de Dalian registrando alta de 0,6% e o coque, de 1,8%.

Os pedidos de materiais e equipamentos de infraestrutura ajudaram a recuperar a produção industrial da China, mas analistas alertaram que será difícil obter mais expansão sem uma demanda e exportações mais amplas.

A chinesa Nanjing Iron & Steel Co concluiu seu primeiro comércio de minério de ferro apoiado por blockchain, reservando um embarque de US\$ 16,87 milhões de uma joint venture da mineradora Rio Tinto.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 08/07/2020



AUSTRALIA ROLLS OUT EXPLORATION PORTAL

The federal government has launched an online data portal that provides free access to around 250 datasets collected as part of its A\$225-million Exploring for the Future programme.

Minister for Resources, Water and Northern Australia **Keith Pitt** said that the portal would help the resources sector in leading the economic recovery following Covid-19.

"We know the resources sector has a lead role to play in our economic recovery, and that certainty in decision-making is a valuable commodity right now," Pitt said.

"The portal includes data that we have collected over three-million square kilometres of northern Australia in the last four years with our state and Northern Territory partners.

"To help industry analyse this high-quality data, the portal also includes assessment and analytical tools. For example, the Economic Fairways Mapper can help companies assess the economic viability of a mineral resource in remote Australia."

Pitt said Exploring for the Future data had already been used by mining exploration companies to make new investment decisions.

"Thirteen companies have taken up new exploration tenements in areas the program focused on - the first step toward the discovery and development of a resource. Ten of these companies have publicly recognised the role Exploring for the Future data played in their decision."

Fonte: Mining Weekly

Data: 08/07/2020



INVESTORS PUT MORE INTO CORNISH LITHIUM

Exploration junior Cornish Lithium has raised another £826 000 from shareholders.

Founder and CEO **Jeremy Wrathall** says shareholders chose to put more funds into the company during a time of "huge uncertainty", noting that investors are "thinking carefully" about where to deploy their funds.

The funding will be used to continue exploration for lithium in Cornwall, in both geothermal waters and in hard rock, and will build on the successful drilling programmes that concluded earlier this year.

The company says recent exploration activity has proved highly encouraging and that it is planning further phases of drilling as soon as current conditions allow.

Samples from the recent hard rock drilling campaign are currently undergoing metallurgical testing and evaluation in Cornwall and Australia.

"Following Brexit, and as the UK moves to reopen its economy after the Covid-19 pandemic, the UK government is focused on becoming a world leader in battery technology and electric vehicle manufacturing.

"Given this situation, it is now apparent that the creation of a battery and electric vehicle industry in the UK is more likely to happen if the nation has a domestic supply of lithium, especially if this lithium can be responsibly

sourced with a low-carbon footprint. This puts Cornish Lithium in a good position, as our project could revolutionise supply of lithium required for large-scale manufacture of Li-ion batteries in the UK, aligning directly with key Grand Challenge Missions under the 2019 UK Industrial Strategy,” says Wrathall.

Fonte: Mining Weekly

Data: 08/07/2020



AURA MINERALS ESTREIA NA B3 EM QUEDA E COM BAIXO VOLUME DE NEGOCIAÇÃO

Os Brazilian Depositary Receipts (BDRs) da mineradora de ouro Aura Minerals começaram a ser negociados na segunda-feira (6) na B3 sem despertar grande entusiasmo dos investidores. No primeiro dia da oferta que marcou a estreia da canadense no mercado acionário brasileiro, os papéis da companhia fecharam em baixa de 6,12%, a R\$ 769,80.

Os papéis haviam sido precificados a R\$ 820,00 pela mineradora na oferta pública inicial (IPO). Além do valor abaixo do previsto, o baixo volume de negociações dos ativos na estreia na B3 também chamou a atenção: foram apenas 67 negociações envolvendo os BDRs na segunda-feira, movimentando cerca de R\$ 26 milhões.

A Aura estima captar cerca de R\$ 790 milhões com os BDRs.

A oferta da empresa seguiu o modelo de esforços restritos: apenas agentes financeiros profissionais - aqueles que possuem investimentos iguais ou maiores a R\$ 10 milhões — puderam participar do IPO. Assim, pessoas físicas e investidores comuns ficaram de fora num primeiro momento.

"A Aura está trabalhando para ser uma das empresas mais bem geridas do seu setor. Para nós, estarmos listados também no Brasil é parte desse objetivo", disse o diretor-executivo da empresa, Rodrigo Barbosa. "O ouro é um ativo de reserva de valor, especialmente em momentos de alta volatilidade como o que estamos vivendo".

A companhia canadense tem como foco a exploração de ouro e commodities metálicas nas Américas. No Brasil, a Aura opera o complexo de ouro Ernesto/Pau-a-Pique, no Mato Grosso, e também possui os projetos de ouro Matupa e São Francisco, também no MT, além do projeto Almas, no Tocantins.

A empresa tem ainda a mina de ouro San Andres, em Honduras, e a mina de cobre Aranzazu, no México, além do projeto de ouro Tolda Fria, que está em desenvolvimento na Colômbia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 08/07/2020



INNOVATIONS IN ENVIRONMENTAL TRAINING FOR THE MINING INDUSTRY

MIT Environmental Solutions Initiative and multinational mining company Vale bring sustainability education to young engineering professionals in Brazil.

For the mining industry, efforts to achieve sustainability are moving from local to global. In the past, mining companies focused sustainability initiatives more on their social license to operate — treating workers fairly and operating safe and healthy facilities. However, concerns over climate change have put mining operations and supply chains in the global spotlight, leading to various carbon-neutral promises by mining companies in recent months.

Heading in this direction is Vale, a global mining company and the world's largest iron ore and nickel producer. It is a publicly traded company headquartered in Brazil with operations in 30 countries. In the wake of two major tailings dam failures, as well as continued pressure to reduce carbon emissions, Vale has committed to spend \$2 billion to cut both its direct and indirect carbon emissions 33 percent by 2030. To meet these ambitions, a broad cultural change is required — and MIT is one of the partners invited by Vale to help with the challenge.

Stephen Potter, global strategy director for Vale, knows that local understanding of sustainability is fundamental to reaching its goals. "We need to attract the best and brightest young people to work in the Brazilian mining sector, and young people want to work for companies with a strong sustainability program," Potter says.

To that end, Vale created the Mining Innovation in a New Environment (MINE) program in 2019, in collaboration with the MIT Environmental Solutions Initiative (ESI); the Imperial College London Consultants; The Bakery, a start-up accelerator; and SENAI CIMATEC, a Brazilian technical institute. The program provides classes and sustainability training to young professionals with degrees relevant to mining engineering. Students in the MINE program get hands-on experience working with a real challenge the company is facing, while also expanding their personal leadership and technical skills. "Instilling young people with an entrepreneurial and innovative mindset is a core tenet of this program, whether they ultimately work at Vale or elsewhere," says Potter.

ESI's role in the MINE program is to provide expert perspectives on sustainability that students wouldn't receive in ordinary engineering training courses. "MIT offers a unique blend of scientific and engineering expertise, as well as entrepreneurial spirit, that can inspire young professionals in the Brazilian mining sector to work toward sustainable practices," says ESI Director John Fernández. Drawing on a deep, multidisciplinary portfolio of MIT research on the extraction and processing of metals and minerals, MIT can support the deployment of innovative technologies and environmentally and socially conscious business strategies throughout a global supply chain.

Since December 2019, the inaugural class of 30 MINE students has had a whirlwind of experiences. To kick off the program, MIT offered six weeks of online training, building up to an immersive training session in January 2020. Hosted by SENAI CIMATEC at their academic campus in Salvador, Brazil, the event featured in-person sessions with five MIT faculty: professors Jessika Trancik, Roberto Rigobon, Andrew Whittle, Rafi Segal, and Principal Research Scientist Randolph Kirchain.

The two-week event was coordinated by Suzanne Greene, who leads the MINE program for ESI as part of her role with the MIT Sustainable Supply Chains program. "What I loved about this program," Greene says, "was the breadth of topics MIT's lecturers were able to offer students. Students could take a deep dive on clean energy technology one day and tailings dams the next."

The courses were designed to give the students a common grounding in sustainability concepts and management tools to prepare them for the next phase of the program, a hands-on research project within Vale. Immersion projects in this next phase align Vale's core sustainability strategies around worker and infrastructure safety and the low-carbon energy transition.

"This project is a great opportunity for Vale to reconfigure their supply chain and also improve the social and environmental performance," says Marina Mattos, a postdoc working with ESI in the Metals, Minerals, and the Environment program. "As a Brazilian, I'm thrilled to be part of the MIT team helping to develop next-generation engineers with the values, attitudes, and skills necessary to understand and address challenges of the mining industry."

"We expect this program will lead to interest from other extractive companies, not only for education, but for research as well," adds Greene. "This is just the beginning."

Fonte: Brasil Mining site

Data: 08/07/2020



FUTURO COM VEÍCULOS ELÉTRICOS É BOA NOTÍCIA PARA MINERADORAS

Maior produtor mundial de lítio espera uma virada do mercado até 2022

A incerteza do mercado sobre os metais que abastecerão os carros do futuro começa a diminuir.

O excesso de oferta e a pandemia de coronavírus afetaram as perspectivas de curto prazo para minerais usados na fabricação de baterias recarregáveis. Porém, novos compromissos de governos com o transporte ecológico na China e na Europa, bem como restrições à mineração e futuros investimentos, levam a um consenso crescente de que os mercados estão chegando ao fundo do poço.

Além disso, tecnologias de baterias continuam a ficarem mais baratas, e há razões para otimismo "nos próximos anos, depois de superarmos a situação atual", disse Chris Berry, presidente da consultoria House Mountain Partners.

"A União Europeia, em particular, está essencialmente reconstruindo suas cadeias de suprimentos automotivos em torno de metais para baterias e incentivando a adoção de veículos elétricos", disse Berry em entrevista por telefone. "Os chineses também restabeleceram o regime de subsídios para veículos elétricos."

A exuberância sobre o futuro dos veículos elétricos levou a um excesso de oferta de metais como lítio e cobalto, fazendo com que os preços caíssem mais da metade em relação aos picos de 2018. Então, justo quando certo otimismo voltava aos mercados, a pandemia de coronavírus desacelerou a demanda e obscureceu as perspectivas de recuperação desses metais, bem como do níquel.

Embora as previsões de curto prazo tenham sido rebaixadas, as perspectivas de longo prazo continuam impressionantes. A BloombergNEF prevê que as vendas globais de veículos elétricos voltarão a crescer nos próximos anos, de 2 milhões no ano passado para 8,5 milhões em 2025, e para cerca de 26 milhões em 2030.

O mercado mundial de cátodo para baterias de íon-lítio, o tipo mais comum em carros recarregáveis, deve atingir US\$ 58,8 bilhões até 2024 em relação aos US\$ 7 bilhões em 2018, segundo relatório das Nações Unidas.

Com essas perspectivas, o maior produtor mundial de lítio espera uma virada do mercado até 2022.

A demanda “começa a voltar” com os preços à vista no piso agora, disse Kent Masters, novo diretor-presidente da Albemarle, em entrevista. A demanda “vai aumentar e usar esse excesso de oferta”. E, com o tempo, a demanda ultrapassará a oferta “e os preços mudarão drasticamente”, disse.

Fonte: InfoMoney

Data: 07/07/2020



GOLD PRICE VAULTS \$1,800 – HIGHEST SINCE SEPTEMBER 2011

The rally in the gold price gained fresh momentum on Tuesday as investors piled into physically-backed gold ETFs to secure hard assets amid expectations of continued global ultra-low or negative interest rates and currency debasement.

Gold for delivery in August, the most active contract on the Comex market in New York with 19m ounces traded by lunchtime, touched a high of \$1,810.80 an ounce, up 1% from yesterday’s settlement.

Gold is now up 19%, or \$287 an ounce so far this year. The last time gold traded above \$1,800 an ounce was September 2011, but it ended that year at \$1,565 an ounce.

The World Gold Council reported Tuesday that gold-backed ETFs recorded their seventh consecutive month of positive flows, adding 104 tonnes in June – equivalent to \$5.6 billion.

June’s net inflows took global holdings to new all-time highs of 3,621 tonnes after 734 tonnes – worth \$39.5 billion – were added to vaults during the first six months of the year.

This year’s inflows compare to the previous record set in 2009 when 646 tonnes were added – for the entire calendar year. In terms of dollar value, first half inflows also dwarf the 2016 total of \$23 billion, according to the WGC:

“To put this strength of demand into context, H1 inflows are also significantly higher than the multi-decade record level of central bank net purchases seen in 2018 and 2019, and could absorb a comparable amount of about 45% of global gold production in H1 2020.”

In June, global gold ETFs registered three consecutive days of outflows near the beginning of the month – the first consecutive daily declines since March – before regaining momentum.

All regions saw net inflows during the month, with North American funds accounting for the lion’s share, says the WGC.

HUSTLE AND INFLOW



Source: World Gold Council

Fonte: Mining.com

Data: 07/07/2020



EGITO DESCOBRE JAZIDA DE OURO COM MAIS DE UM MILHÃO DE ONÇAS

O Egito descobriu no sudoeste do país uma jazida de ouro contendo mais de um milhão de onças. Sua exploração deve necessitar de um investimento bilionário ao longo de dez anos, comunicou o Ministério do Petróleo do país africano. A dúvida é de onde esses recursos virão.

O depósito se encontra em uma área operada pela mineradora Shalatin Mining Company. A taxa de produção é de 95%, ou seja, uma das mais altas do mundo, destaca a companhia. O ministério egípcio salientou que, para começar a operar a área, a Shalatin e a Autoridade de Recursos Naturais do Egito deveriam fundar uma nova empresa.

Essa empresa de capital misto poderia se tornar a terceira maior especializada na extração deste metal e de outros minerais no país.

Atualmente, o Egito é o sétimo país árabe com maiores reservas de ouro. Acredita-se que possua 79,4 toneladas. Isto se deve ao fato do território se encontrar na chamada Placa Árabe-Núbia, conhecida por suas imensas jazidas.

Para o seguro, o ouro é importante, já que é parte das reservas de câmbio do Banco Central junto a divisas externas internacionalmente reconhecidas. Esses ativos proporcionam recursos financeiros básicos, com os quais o país pode pagar a dívida externa e os juros, além de fazer frente a eventuais crises econômicas.

Até o momento, a produção de ouro no Egito se concentra em três minas principais, situadas no deserto oriental: Sukari, Humash e Wady al-Alaqi. Contudo, a Autoridade de Recursos Naturais egípcia assegura que esse material precioso é extraído em, ao menos, outros 120 locais.

Apesar destas riquezas, o Egito registra poucas atividades relacionadas à extração de ouro. Extrair o material precioso de minas tradicionais é uma operação que requer muitos gastos fora do alcance do governo egípcio, segundo a revista Egypt Today.

Nestas circunstâncias, atrair investidores estrangeiros ao setor seria um passo lógico. Porém, as empresas de outros países não se apressam a investir devido à legislação do Egito. Ainda que o país árabe tenha substituído em 2015 a lei anterior de mineração, aprovada há 60 anos, a nova lei não conseguiu satisfazer investidores por incluir disposições comerciais restritivas.

Em particular, a lei atual foi criticada em repetidas ocasiões por prescrever que se concluam acordos de exploração baseados no conceito da participação compartilhada entre os investidores e o Estado na extração e lucros. Enquanto isso, em muitos outros países, são utilizados os chamados royalties, uma soma que se deve pagar ao Estado pelo uso ou a extração de certos recursos naturais.

"Empresas de mineração realizam várias fases e passam muito tempo extraíndo metal que é viável economicamente. Gastam muito dinheiro sem um ganho garantido, sem contar com o alto custo de equipamentos e perfuradoras. Não podemos aplicar normas na mineração de ouro semelhantes às que aplicamos na extração de petróleo", comentou Yusef Ragui, presidente da empresa Centamin, que opera a mina Sukari.

Por isso, os investidores estrangeiros têm se interessado mais em investir seus recursos em outros mercados situados na Europa e na África. É pouco provável que o Egito consiga convidar um grande número de empresas para o desenvolvimento desse projeto.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 07/07/2020

Investing.com

EM DALIAN, FUTUROS DO MINÉRIO DE FERRO REGISTRAM VALORIZAÇÃO DE 2,68%

A jornada desta terça-feira teve uma importante valorização nos preços dos contratos futuros do minério de ferro, que são negociados na bolsa de mercadorias da cidade chinesa de Dalian. O ativo com o maior volume de operações, com data de vencimento para setembro deste ano, somou 2,68% a 767,00 iuanes por tonelada, o que representa ganhos de 20 iuanes em relação aos 747,00 iuanes de liquidação da véspera.

Na mesma direção, a sessão foi marcada por avanço nas cotações dos papéis futuros do vergalhão de aço, que são transacionados na bolsa de mercadorias da também chinesa cidade de Xangai. O contrato com mais liquidez, com data de entrega para o mês de outubro do calendário corrente, teve valorização de 19 iuanes para 3.634 iuanes por tonelada. Já o de janeiro de 2021, somou 18 iuanes para um total de 3,493 iuanes para cada tonelada do produto.

As ações de blue-chips da China subiram pelo sexto dia seguido nesta terça-feira, fechando na máxima de mais de cinco anos, uma vez que investidores de varejo correram para se juntar ao mercado altista.

Entretanto, as ações reduziram os ganhos no fim do pregão já que alguns operadores realizaram lucros.

O índice de Xangai teve seu melhor dia em quase cinco anos na segunda-feira depois que um editorial do jornal oficial China Securities Journal disse que o país precisa de mais ganhos no mercado acionário para financiar a economia digital em rápido desenvolvimento.

As ações financeiras, que haviam subido 9% na segunda-feira, caíram 9% nesta sessão, mas analistas afirmam que os ganhos no mercado podem continuar.

Fonte: Investing.com

Autor: Gabriel Cordas

Data: 07/07/2020



REABERTURA DE ECONOMIAS IMPULSIONA PREÇOS DE METAIS

Desde que as medidas de bloqueio para conter o Covid-19 em todo o mundo diminuíram, a agência de classificação e pesquisa Standard & Poor's Global (S&P Global) diz que a reabertura de economias, combinada com estímulo monetário de bancos e governos, permitiu que os preços dos metais industriais subissem.

No entanto, embora os preços do metal industrial tenham aumentado em relação aos mínimos observados no primeiro trimestre do ano, ainda existe a possibilidade de uma segunda onda de infecções por Covid-19 à medida que os bloqueios são amenizados.

"Continua a haver um risco negativo significativo para os preços dos metais industriais pelo resto do ano, apesar dos impactos locais da oferta que podem fornecer algum suporte de preço para determinadas commodities", afirma a agência.

O analista de commodities da S&P Global Market Intelligence, Jason Sappor, diz que a demanda por metais básicos foi apoiada principalmente pela China, quando começou a reabrir sua economia e aumentar a produção. O índice de gerentes de compras da China aumentou para mais de 50, em comparação com a baixa de 37 em janeiro.

A S&P Global espera que a economia mundial se contraia 2,4% este ano, enquanto a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) espera pelo menos uma retração de 4%.

Sappor diz que o setor de metais ainda não se recuperou da Covid-19; os preços do metal subiram mais, mas a demanda e a oferta, em especial, diminuíram significativamente desde o início dos bloqueios.

Minério de ferro e ouro

A S&P destaca que o minério de ferro e o ouro se destacam como os metais com melhor desempenho da London Metal Exchange (LME) no momento, com os preços aumentando devido a estímulos e bloqueios. O ouro particularmente teve uma demanda aumentada, crescendo cerca de 15% desde o início deste ano.

O ouro foi negociado acima de US\$ 1.600/onça por nove semanas e tem sido apoiado pelos temores de uma segunda onda de infecções por Covid-19. "Esperamos que esse novo impulso leve o preço do ouro a mais de US\$ 1.800/onça", diz o analista de commodities da S&P Global Market Intelligence, Thomas Rutland. Ele acrescenta que a incerteza em torno das próximas eleições nos EUA também levou os investidores ao ouro como um ativo de refúgio.

Já os preços do minério de ferro estão se saindo melhor principalmente devido ao aumento da produção siderúrgica chinesa com o fim do bloqueio e o impacto negativo na oferta brasileira. Rutland observa que o lado da demanda de minério de ferro tem uma recuperação centrada na China, com a produção de aço atingindo um recorde mensal de 92 milhões de toneladas em maio para atender a demanda reprimida. Em maio, os estoques de minério de ferro na China atingiram mínimos desde 2016.

"O aumento nas infecções por Covid-19 no Brasil aumentou as preocupações com a oferta de minério de ferro, com as exportações brasileiras caindo 29% em maio em relação ao ano anterior. Desde então, o suprimento brasileiro aumentou 40% em relação ao mês anterior, entre maio e junho, mas ainda esperamos uma produção quase 4% menor em 2020, ou 14 milhões de toneladas a menos, em comparação com 2019. Esperamos que a Austrália e a Índia supram essa queda, embora com material de menor qualidade", afirma.

Zinco e níquel

Sappor diz que os preços do zinco e níquel ainda estão mais baixos, devido aos impactos negativos na demanda que prevaleceram nos últimos meses. Em novembro, a S&P previa um aumento nos preços do zinco e níquel este ano; no entanto, diz que os preços dos metais foram reduzidos em 14% e 21% em relação ao ano passado.

A demanda global de níquel deve cair 8,5% ano a ano. Do lado da oferta, o aumento da produção primária da Indonésia, que deve crescer 46% ano a ano para 550.000 toneladas, aumenta ainda mais a pressão sobre os preços. O mercado primário de níquel passará para um superávit de 100.000 t este ano, com a expectativa de que o preço médio do níquel da LME caia 9% em relação ao ano anterior, para US\$ 12.750/t.

Sappor diz que a demanda global de zinco neste ano cairá de 409.000 t para 13,3 milhões de toneladas. Do lado da oferta, os crescentes estoques chineses de fundição de metal estão apoiando a oferta, enquanto a produção global de zinco refinado provavelmente diminuirá para 13,4 milhões de toneladas.

Enquanto isso, a produção global de zinco diminuirá para 13,3 milhões de toneladas, liderada pelo atrito na produção minerária chinesa. No entanto, ainda haverá um excedente global de oferta de 115.000 t de zinco, com um preço mais baixo de US\$ 2.000/t.

Cobre e metais de bateria

O preço do cobre da LME ainda diminuiu 5% em relação ao ano anterior desde janeiro, com a demanda impactada pela atividade econômica reduzida globalmente. No entanto, os pacotes de estímulo na China devem reforçar a procura por cobre no curto prazo.

Sappor e Rutland concordam que nem o cobre minerado nem o refinado foram impactados tanto quanto o esperado pela pandemia e, portanto, foi o metal com melhor desempenho na LME. A S&P mantém sua estimativa de saldo do mercado de cobre refinado para 2020 em excedente de 182.000 t e a previsão de preço de cerca de US\$ 5.700/t.

Prevê-se que os preços do cobre aumentem na segunda metade do ano e ao longo de 2021, apoiados por grandes reduções no suprimento de cobre extraído neste ano. Se uma segunda onda de infecções por Covid-19 atingir o mundo, especialmente a China, é provável que o cobre resista novamente a impactos adversos.

Os preços do cobalto foram reduzidos em 20% desde novembro do ano passado, mas devem aumentar antes do final do ano.

A Covid-19 desacelerou o crescimento na indústria de veículos elétricos (VE). Sappor afirma que as vendas de veículos elétricos de passageiros diminuirão 7,6% em relação ao ano passado, para 1,9 milhão de unidades, devido à redução das vendas globais e à redução de subsídios na China.

O mercado de cobalto experimentará recuperação de preços a partir de 2021 e provavelmente permanecerá acima de US\$ 20/lb a partir de 2022, sustentado por um déficit de mercado. Isso deve induzir mais produção e mineração de cobalto.

Já o mercado de lítio entrará em um ambiente de preço baixo, dado o excedente sustentado.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 07/07/2020



VALE APROVEITA JANELA FAVORÁVEL E CAPTA US\$ 1,5 BILHÃO NO EXTERIOR

Mercado internacional de dívida está atrativo para companhias da América Latina no curto prazo

A emissão de US\$ 1,5 bilhão em bônus de 10 anos pela Vale mostra que existe uma janela favorável para captações no mercado internacional por empresas da América Latina com perfil de crédito de maior qualidade, afirma o diretor gerente e chefe da área de renda fixa para América Latina do MUFG, Robert Carlson.

“As empresas que conseguirem aproveitar [para emissões internacionais] antes do início do verão americano, em agosto, vão ter uma janela bastante interessante”, afirma. O período é observado pelos investidores porque coincide com as férias nos Estados Unidos, o que costuma reduzir os volumes negociados no mercado americano.

“É difícil dizer se depois de setembro será melhor ou pior, mas temos recomendado que os emissores estejam preparados para ir a mercado porque as oportunidades tendem a surgir no curto prazo”, acrescenta. O MUFG foi um dos coordenadores da emissão em dólares com vencimento em 2030, colocados pela mineradora brasileira nesta segunda-feira.

O bônus foi precificado a uma taxa de 3,85%, significativamente abaixo da faixa inicial de preço de 4,375%. A Vale captou US\$ 1,5 bilhão na operação, mas a demanda atingiu seis vezes o valor, ou seja, cerca de US\$ 9 bilhões.

A taxa de captação da operação “foi melhor do que o nível de negociação no mercado secundário [do Global 2030] do Tesouro brasileiro, que estava em 4,15% no início do dia”, segundo o diretor do MUFG.

Conforme Carlson, “a operação atraiu investidores da Ásia, Europa e EUA, em um livro bem global”. O executivo explica que a emissão contou ainda com “participação de investidores de fora de fundos de mercados emergentes, de portfólios globais de dívida “investment grade””.

De acordo com uma fonte do mercado de capitais que pediu para não ser identificado, a Vale considerou o resultado muito positivo, acima do cenário base traçado pela companhia para a operação. Segundo a fonte, a empresa ainda não definiu um uso específico dos recursos.

Questionada pelo Valor, a Vale informou que “avalia constantemente recompras e novas emissões de dívida”. Segundo o posicionamento da companhia, “no momento o mercado tem se apresentado bastante ativo e favorável para novas emissões. A Vale percebeu uma boa oportunidade, com custo atrativo”.

Uma das possibilidades para o uso de parte do dinheiro está relacionada à amortização de linhas de crédito rotativo em dólar utilizadas pela companhia para obter liquidez diante das incertezas causadas pela crise do coronavírus. No início da pandemia, no fim de março, a mineradora brasileira sacou duas linhas de “credit revolving”, no total de US\$ 5 bilhões. Uma com maturidade em junho de 2022, de US\$ 2 bilhões, e outra com vencimento em dezembro de 2024, no total de US\$ 3 bilhões.

Na visão do diretor do MUFG, “a transação é importante porque mostra que o mercado está se recuperando da volatilidade vivida em março por causa da covid-19”. De acordo com Carlson, “o mercado internacional de dívida ficou fechado para emissores da América Latina e recentemente começou a reabrir”. Para o executivo, “a reabertura da economia global, com cada vez mais países e empresas voltando a fazer negócios, tem deixado o mercado mais favorável a tomar risco”.

A operação da Vale consolida um movimento iniciado com a emissão de US\$ 3,25 bilhões pela Petrobras no fim de maio e, posteriormente, pela captação de US\$ 3,5 bilhões pelo Tesouro brasileiro no início de junho. A oferta da Vale teve a coordenação de BB Securities, Citigroup, Crédit Agricole, Mizuho, MUFG e SMBC Nikko.

Fonte: Valor Econômico

Autores: Sérgio Tauhata e Francisco Góes

Data: 07/07/2020



Q&A: SPEEDCAST ON MISSION CRITICAL COMMUNICATIONS AND THE “CONNECTED MINE”

As an expert in high-speed connectivity, Speedcast has made it their mission to provide solutions for vast bandwidths and interoperability at remote mining sites. We spoke to Speedcast senior director, IoT product and services, John Geasa, to find out why these technologies are essential for the “connected mine”.

The concept of digital connectivity at mining sites, where self-driving vehicles, video cameras, and backhaul networks are working together to improve safety and yield, is gaining worldwide recognition. The concept of ‘the connected mine’ brings multiple advantages, such as safety, remote management, and accurate predictions, which have become all the more relevant during the Covid-19 pandemic.

With automated equipment reducing employee exposure to potentially hazardous environments and preventing close staff contact, features like sensors and surveillance cameras can detect issues where urgent action needs to be taken to improve safety.

Speedcast senior director, IoT product and services, John Geasa, explains the potential of ‘the connected mine’ and gives his recommendations to mining operators striving to improve connectivity at their sites.

Yoana Cholteeva (YC): Could you tell me a bit more about the concept of the ‘connected mine’?

John Geasa (JG): The ‘connected mine’ comes from mining operators turning to digitalisation to transform their productivity, profit and safety levels. The concept integrates solutions such as automated machinery, data analytics, sensors, connectivity, and surveillance systems which are built into the fabric of the mine.

All these features are linked together to create the ‘connected mine’, providing a detailed and insightful picture of the overall operations. With mines being so vast, the connected mine builds on the essential communications required to coordinate activities and keep people safe, with layers of digital systems and applications creating an essential management platform. Through this, senior members of staff can make swift decisions based on accurate, real-time data, drawn from things like sensors and asset trackers, to improve efficiency or remove hazards.

With exploration becoming more expensive and reserves harder to access, productivity in the mining industry is falling. It also remains one of the riskiest industries in the world. While mining only employs around 1% of the global labour force, it generates 8% of the world’s fatal accidents. A major breakthrough is needed to help improve health and safety performance, as well as profit levels. This is where technology and the connected mine in particular has a huge part to play.

YC: How important is the application of IoT in the mining industry?

JG: The World Economic Forum forecasts that by 2025, digitisation will have added more than \$425bn of value to the mining industry. It will also save around 1,000 lives and prevent 44,000 injuries. Deploying these systems is a complex undertaking due to the time, money, and infrastructure that is required. But the profound impact they have in tackling industry challenges is overwhelming.

The connected mine has delivered huge improvements in safety and automated surveillance, alongside video processing systems, play a key role in monitoring workers and ensuring rules are always followed. The same

applications can be used to boost productivity levels. Sophisticated analysis of information collected from sensors enables bottlenecks and cost inefficiencies to be identified.

Data processing systems can also generate predictive schedules for maintenance. This allows for minimal equipment downtime as quick service times prevent operations halting due to a major breakdown. At a higher level, the connected mine enables real-time analysis of operational data to generate recommendations on processing methods that inflict less environmental damage.

One of the biggest advantages of having a 'connected mine' is you can generate a 'digital twin'. Data from the mine's operations can be harnessed to create a replica and, along with real-time information flowing from the field, can be used to put certain scenarios into practice. For instance, proposed changes in productions can be tested in great detail and accuracy before being installed within the real mine.

YC: Do you believe that digital connectivity and IoT will become widespread in mines around the world anytime soon?

JG: We have already seen mining businesses around the world implement digital technologies as a way of managing efficient operations, improving safety, and increasing profits. Hindustan Zinc incorporated a connected mine within its Sindesar Khurd operation, in India, in 2018 and saw overall improvements in efficiency. Utilising data from its drills, loaders, trucks, and other equipment underground, as well as digital platform tracks, it is able to identify bottlenecks and areas that needed work better to boost productivity.

Another case saw Goldcorp cut its electrical consumption in half and reduce overall costs at its Éléonore gold mine in Canada. This was achieved by installing infrastructure that could remotely control the fans to adjust underground ventilation, creating efficient energy use and better control over potential hazards relating to lack of ventilation.

Mining will always be a challenging operation; commodity prices will surge and decline and the struggle to access reserves will continue to grow. The connected mine supports operators by improving the predictability of their operations. The deeper insights achieved also give managers the ability to make the best use of employees and assets whilst managing safety requirements and environmental impacts.

YC: What advice would you give to mining operators currently trying to improve connectivity in their mines?

JG: On-site connectivity is of fundamental importance to ensure all aspects of the connected mine work reliably, safely, and securely. With managers reliant on the data it collects to make operational decisions and safety critical infrastructure too, it is essential that network outages do not happen and that real-time data can be managed seamlessly. Having a private wireless network to connect every device is of huge benefit. It is networks like this that enable every part of the connected mine to work in harmony for the best performance possible, allowing for predictive maintenance, remote operations, and machine-to-machine communication.

Being able to utilise an LTE local network offers greater coverage and capacity than Wi-Fi for the large amounts of information needing to be relayed. It additionally allows for low latency, jitter, and the unique ability to maintain links without line of sight. The Sandvik Group, a leading supplier of mining equipment, has integrated such a system within its operation of autonomous trucks and loaders, using real-time monitoring of underground and outdoor environments to allow for remote diagnostics, control, and authentication and to keep people safe.

YC: What other trends do you see taking over the mining industry in future?

JG: The concept of the connected mine takes more than just technology on the ground; it requires mine connectivity that can reliably handle high volumes of data as managers rely on the entire system for making justified operational decisions. Due to mines' remote locations, multiple communication technologies are needed to deliver the high-performance connectivity needed.

Multimode terminals are a key component of the connectivity needed, supporting varying satellite bands, microwave links, and cellular service, as well as seamless interconnectivity with local networks. Terminal software should also be considered to manage the making and breaking of connections, along with a dedicated global network made up of satellite, fibre, high-performance cellular base stations in strategic locations and high-capacity peering with wired and mobile networks. Intelligence within the network is also useful for identifying the best transmission routes to automatically switch to for best performance at the lowest cost.

We expect greater significance will be given to achieving better connectivity that will enable the digital transformation of mines to continue unimpeded. Greater emphasis will be put on creating new innovations which will boost capacity and promote better connectivity for the seamless, successful operation of the connected mines of the future.

Fonte: Mining Technology

Autora: Yoana Cholteeva

Data: 07/07/2020

APAA LOBBIES TRUMP TO REINSTATE CANADIAN ALUMINUM TARIFF

The American Primary Aluminum Association sent a letter to US President Donald Trump urging the administration to reimpose the 10% Section 232 tariff on aluminum imports from Canada as a means to protect the domestic primary aluminum industry, the association said July 7.

"We want to see the US primary aluminum industry survive and then prosper for decades to come," APAA CEO Mark Duffy said in the letter. "But to do so, we need to enforce our trade agreements, stop this unprecedented Canadian import surge and stand strong with American workers by reinstating the 10% tariff on Canadian imports."

Canadian aluminum imports were exempted from the aluminum tariff in 2019 as part of the US-Mexico-Canada Agreement (USMCA) negotiations. Duffy said Canada has since failed to regulate its aluminum exports to the US as agreed upon when the exemption was granted, thus threatening US primary aluminum jobs.

"Since the 10% aluminum tariff on Canadian imports was removed last year, however, we have seen Mr. Trudeau's government announce new subsidies to the Canadian aluminum industry, restart Canadian production and now has increased imports of primary aluminum into the US by 80%, despite the agreement that the Canadians would do no such thing," Duffy said.

Duffy said unwrought aluminum imports from Canada under HTS code 7601.10 reached 184,789 mt in May, citing data from the US Census Bureau.

"Canada is now at the highest level of Canadian aluminum imports since your Section 232 program went into place and more than 30% higher than historical average volumes," he said. "While American aluminum workers and their families are fearful of what Canada is doing to their livelihoods, Canadian aluminum imports are skyrocketing."

The APAA represents Century Aluminum, which operates aluminum smelters in Kentucky and South Carolina, and Magnitude 7 Metals, which operates a smelter in Missouri.

"These workers make the majority of US primary aluminum production," Duffy said. "They know that the high-purity primary aluminum they produce is a vital component of our defense industrial base, used for our soldiers' body armor, planes and tanks."

In a June 25 letter to US Trade Representative Robert Lighthizer, the separate US Aluminum Association and several US-based aluminum producers said current primary aluminum imports from Canada are consistent with the levels prior to the implementation of Section 232 tariffs and below peak volumes imported in 2017.

The letter also advocated the continuation of Canada's exemption from the tariffs.

"The integrated North American aluminum supply chain has been a crucial element of the US aluminum industry's ability to invest and grow over the past several decades," the letter said, adding that US smelters alone can only meet about one-third of domestic demand.

Fonte: S&P Global Platts

Autor: Nick Lazzaro

Data: 07/07/2020



VALE DO BRASIL DEVE COBRAR US \$ 400 MILHÕES PELA VENDA DE ATIVOS DE NÍQUEL

A mineradora brasileira Vale SA informou nesta segunda-feira que espera registrar uma taxa de impairment de US \$ 400 milhões no período que termina em 30 de junho, relacionada à venda planejada de suas operações com problemas de níquel e cobalto na ilha do Pacífico da Nova Caledônia. .

A Vale disse em maio que estava em negociações para vender a mina, que enfrentou contratemplos técnicos, derramamento de produtos químicos e protestos, para a Austrália New Century Resources Ltd.

Em um comunicado separado, a Vale disse que a Vale Overseas, uma subsidiária, estava preparando a venda de títulos com vencimento em 2030, que serão garantidos pela controladora. O produto da venda seria usado para fins corporativos gerais, disse a mineradora.

Os bancos que coordenarão a venda incluem Banco do Brasil, Citigroup, Credit Agricole, Mizuho, MUFG e SMBC Nikko, informou o documento.

Ao mesmo tempo, a Vale disse que continua avaliando o impacto da pandemia de coronavírus em seus negócios, pois o número de casos e mortes de COVID-19 aumentou significativamente no Brasil, onde a maioria de suas operações está concentrada.

"A situação do COVID-19 está evoluindo e pode ter um impacto material adverso sobre nós", afirmou a Vale, citando potenciais interrupções significativas na produção ou nas cadeias de suprimentos, além de um potencial declínio na demanda dos clientes.

Fonte: Reuters

Autora: Ana Mano

Data: 06/07/2020



DEEP EARTH STRUCTURES MAY REVEAL LOCATION OF UNTAPPED BASE METAL DEPOSITS

Researchers from the United States and Australia have discovered previously unrecognized structural lines 100 miles or more down in the Earth that appear to signal the locations of giant deposits of copper, lead, and zinc. The metals, however, lie close enough to the surface to be mined, but too far down to be found using current exploration methods.

In a paper published in the journal *Nature Geoscience*, scientists at Harvard University, Columbia University, Geoscience Australia and the Australian National University say this discovery could greatly narrow down search areas, and reduce the footprint of future mines.

In detail, the study found that 85% of all known base metal deposits hosted in sediments —and 100% of all deposits that hold more than 10 million tonnes of metal— lie above deeply buried lines girdling the planet that mark the edges of ancient continents.

The deposits lie along boundaries where the Earth's lithosphere thins out to about 170 kilometres below the surface. Up till now, all such deposits have been found at the surface, and their locations have seemed to be somewhat random.

To find them, geologists normally hammer rocks or use geophysical exploration methods that entail harnessing gravity and other parameters to find buried ore bodies. The new study proposes a new, high-tech treasure map that provides more accurate information so that prospectors know where to look.

To build such a map, the researchers build on existing charts created using seismic waves that reveal the highly variable depth of the lithosphere, which ranges down to 300 kilometres in the nuclei of the most ancient, undisturbed continental masses, and tapers to near zero under the younger rocks of the ocean floors.

"As continents have shifted, collided and rifted over many eons, their subsurfaces have developed scar-like lithospheric irregularities, many of which have now been mapped," the researchers said in a media release.

Using this information, the authors of the study found that the richest Australian mines lay neatly along the line where thick, old lithosphere grades out to 170 kilometres as it approaches the coast. They then expanded their investigation to some 2,100 sediment-hosted mines across the world, and found an identical pattern. Some of the 170-kilometre boundaries lie near current coastlines but many are nestled deep within the continents, having formed at various points in the distant past when the continents had different shapes.

Their new map shows such zones looping through areas in western Canada, the coasts of Australia, Greenland and Antarctica; the western, southeastern and Great Lakes regions of the United States; and much of the Amazon, northwest and southern Africa, northern India and central Asia. While some of the identified areas already host enormous mines, others are complete blanks on the mining map.

"These deposits contain lots of metal bound up in high-grade ores, so once you find something like this, you only have to dig one hole," said Mark Hoggard, lead author of the paper and a postdoctoral researcher at Harvard University and Columbia University's Lamont-Doherty Earth Observatory.

"Most current base-metal mines are sprawling, destructive open-pit operations. But in many cases, deposits starting as far down as a kilometre could probably be mined economically, and these would almost certainly be taken out via much less disruptive shafts."

In Hoggard's view, this study promises to open exploration in poorly explored areas, including parts of Australia, central Asia and western Africa.

Fonte: Mining.com

Data: 06/07/2020



FACTBOX: RECENT FLURRY OF M&A BY CHINA'S BIG MINERS

China's big miners are snapping up gold mines and strategic minerals in a deal binge that comes as governments in mineral-rich Canada and Australia tighten restrictions on foreign investment.

Here are some of the recent deals and their status:

* Shandong Gold Mining Co (600547.SS) (1787.HK) in May offered C\$230 million (\$165 million) to buy Canada's TMAC Resources (TMR.TO). The deal requires Canadian government approvals.

* Shandong Gold on June 18 offered A\$321 million (\$221 million) for Ghana-focused miner Cardinal Resources Ltd (CDV.AX). The deal is subject to review by Australia's Foreign Investment Review Board.

* Zijin Mining Group Co Ltd (601899.SS) (2899.HK) on June 12 agreed to buy Toronto-listed Guyana Goldfields (GUY.TO) for C\$323 million (\$238 million). The deal is subject to approvals.

* Zijin Mining on June 7 acquired a 50.1% stake in Tibet Julong Copper Co Ltd for \$548 million.

* Zijin Mining in February completed its C\$1.3 billion acquisition of Colombia-focused Continental Gold.

* China's Goldsea Group said on June 24 it will let a takeover bid by its local unit for Australian gold miner Alto Metals (AME.AX) lapse after the country's foreign investment board sought extra time to consider the deal.

* China's Baogang was blocked from taking up a \$20 million stake in rare earths miner Northern Minerals (NTU.AX) which owns the advanced Browns Range heavy rare earth project in Australia's north.

* Privately held Yibin Tianyi Lithium Industry in May completed a A\$10.7 million investment in lithium hopeful AVZ Minerals (AVZ.AX), which has a project in the Democratic Republic of Congo. The deal was amended after Australia's FIRB advised that an earlier proposal for a 12.1% stake in AVZ faced rejection for being "contrary to the national interest."

Fonte: Reuters

Autores: Jeff Lewis, Melanie Burton e Tom Daly

Data: 05/07/2020



CHINESE MINERS' DEAL FRENZY SEEN STALLING ON REGULATORY HURDLES

Growing scrutiny by mineral-rich Australia and Canada may cut short a deal frenzy led by China's state miners and limit Beijing's role in gold sector consolidation, bankers and analysts said.

Shandong Gold Mining Co (600547.SS) (1787.HK) and Zijin Mining Group Co Ltd (601899.SS) (2899.HK) have driven a wave of acquisitions from the Canadian Arctic to South America to West Africa this year.

Canada and Australia have recently tightened restrictions on investment by state-backed firms, fearing economic dislocation caused by the coronavirus pandemic will make it easier to buy strategic assets. No specific countries have been named under the revised guidelines.

"The concerns are almost entirely (with) China," said Gordon Houlden, a former Canadian diplomat with extensive Chinese experience who heads the University of Alberta's China Institute.

The restrictions could also dampen appetite for deals in strategic minerals, bankers and analysts said.

Chinese companies' bids for Australian lithium companies are facing regulatory pushback while last month China's Goldsea Group abandoned its pursuit of gold miner Alta Metals (AME.AX) after Australia's Foreign Investment Review Board (FIRB) sought more time to review the deal.

FIRB's decision is "highly disappointing," Graeme Testar, director of PCF Capital Group in Perth, told Reuters. "This is gold, it's not on the critical minerals list."

The agency said last month it will screen all deals in which a foreign investor buys an interest in a "sensitive national security business" regardless of value. In April it blocked two investments by Chinese miners into the critical minerals sector, such as lithium and cobalt used in high-tech areas like renewable energy, electric vehicle batteries, and defence.

"Australia's foreign investment framework is open, transparent and welcoming. We welcome investment from any country and in any sector of the economy," a spokeswoman for Australia's Treasury Department said.

HURDLES

Some bankers are concerned that FIRB could block China's Tianqi Lithium Corp (002466.SZ) from selling part of its 51% stake in Australia's Greenbushes, the world's largest lithium mine, to a Chinese buyer.

"(Chinese buyers) continue to show interest and are willing to face the increased FIRB hurdle," said Sherif Andrawes, BDO's global head of Natural Resources, speaking about the sector in general.

"One view is that the extra hurdle for foreign buyers has helped Australian acquirers," he said.

Canada cited amplified risks to economic and national security and said all investments by state-owned firms would face enhanced scrutiny. The department of Innovation, Science and Economic Development Canada, which oversees foreign investment, declined to comment beyond the government's stated policy when contacted by Reuters.

China's miners are scouting for deals due to limits on domestic exploration, David Bo, a former manager at Ivanhoe Mines (IVN.TO), said.

About 60% of the resource-rich Xilingol League in China's Inner Mongolia region is off-limits to miners due to environmental protection measures, adding further impetus for Chinese miners to make deals, a Beijing-based mining executive told Reuters. The executive declined to be identified as his firm was in the process of bidding for an overseas asset.

Shandong Gold is awaiting approval for its acquisition of Toronto-listed TMAC Resources (TMR.TO), which operates a gold mine in the Canadian Arctic territory of Nunavut. TMAC shareholders approved the deal last month.

"It's still our hope that Canada will ... provide a fair, just and nondiscriminatory environment for Chinese companies to invest and operate in Canada," Chinese ambassador to Canada Cong Peiwu told Reuters in a June 11 interview.

But the Arctic location of TMAC's Hope Bay mine could raise concerns, lawyers and security analysts said.

There is "a very high chance" Canada blocks the acquisition, said Jonathan Miller, deputy director and a senior fellow at the Ottawa-based Macdonald-Laurier Institute.

Tensions sparked by the arrest of Huawei Technologies Co Ltd's [HWT.UL] CFO, Meng Wanzhou, escalated after Beijing in June charged two detained Canadian citizens with suspected spying.

"From that perspective I think it's going to be very challenging," Miller said.

Fonte: Reuters

Autores: Melanie Burton e Jeff Lewis,

Data: 05/07/2020



MOON RICHER IN METALS THAN PREVIOUSLY THOUGHT — NASA

Plans to start mining the Moon as early as 2025 became more attractive this week after a US National Aeronautics and Space Administration (NASA) team found evidence that the Earth's natural satellite may, underneath its surface, be richer in metals than previously thought.

Using data from the Miniature Radio Frequency (Mini-RF) instrument onboard NASA's Lunar Reconnaissance Orbiter (LRO), a team of researchers came to the conclusion that the lunar subsurface contains higher concentration of certain metals, such as iron and titanium, than estimated.

The study, published in the journal *Earth and Planetary Science Letters*, contends the most popular theory surrounding the Moon's origins. The hypothesis contends the satellite was formed when a Mars-sized object collided with Earth, vaporizing large portions of the Earth's upper crust.

"By improving our understanding of how much metal the moon's subsurface actually has, scientists can constrain the ambiguities about how it has formed, how it is evolving and how it is contributing to maintaining habitability on Earth," lead study author Essam Heggy said in a statement.

The evidence was discovered while the scientists were looking for ice at the bottom of craters in the lunar north pole region, NASA said. It means that fine dust found at the base of those holes are parts of the deeper layers of the Moon, ejected during meteor impacts. As such, this dust represents the composition in deeper Moon layers.

The researchers found a pattern in which larger and deeper craters have higher metal concentrations than smaller and shallower ones. Specifically, in craters approximately 1 to 3 miles wide, the dielectric constant or electrical property increased along with crater size. However, the electrical property remained constant for craters between three to 12 miles wide.

Order to mine

US President Donald Trump signed an order in April encouraging citizens to mine the Moon and other celestial bodies with commercial purposes.

The directive classifies outer space as a "legally and physically unique domain of human activity" instead of a "global commons," paving the way for mining the moon without any sort of international treaty.

"Americans should have the right to engage in commercial exploration, recovery, and use of resources in outer space," the document states, noting that the US had never signed a 1979 accord known as the Moon Treaty. This agreement stipulates that any activities in space should conform to international law.

Russia's space agency Roscosmos quickly condemned Trump's move, likening it to colonialism.

"There have already been examples in history when one country decided to start seizing territories in its interest — everyone remembers what came of it," Roscosmos' deputy general director for international cooperation, Sergey Saveliev, said.

The proposed global legal framework for mining on the moon, called the Artemis Accords, would be the latest effort to attract allies to the National Space Agency's (NASA) plan to place humans and space stations on the celestial body within the next decade.

It also lines-up with several public and private initiatives to fulfill the goal of extracting resources from asteroids, the moon and even other planets.

In 2015, the US Congress passed a bill explicitly allowing companies and citizens to mine, sell and own any space material.

That piece of legislation included a very important clause, stating that it did not grant “sovereignty or sovereign or exclusive rights or jurisdiction over, or the ownership of, any celestial body.”

The section ratified the Outer Space Treaty, signed in 1966 by the US, Russia, and a number of other countries, which states that nations can’t own territory in space.

Trump has taken a consistent interest in asserting American power beyond Earth, forming the Space Force within the US military last year to conduct space warfare.

The country’s space agency NASA had previously outlined its long-term approach to lunar exploration, which includes setting up a “base camp” on the moon’s south pole.

Trillion-dollar market

The US isn’t the first nor the only nation to jump on board the lunar mining train.

Russia has been pursuing plans in recent years to return to the moon, potentially travelling further into outer space.

Roscosmos revealed in 2018 plans to establish a long-term base on the moon over the next two decades, while President Vladimir Putin has vowed to launch a mission to Mars “very soon.”

Luxembourg, one of the first countries to set its eyes on the possibility of mining celestial bodies, created in 2018 a Space Agency (LSA) to boost exploration and commercial utilization of resources from Near Earth Objects.

Unlike NASA, LSA does not carry out research or launches. Its purpose is to accelerate collaborations between economic project leaders of the space sector, investors and other partners.

Thanks to the emerging European network, scientists announced last year plans to begin extracting resources from the moon in five years.

The mission, in charge of the European Space Agency in partnership with ArianeGroup, plans to extract waste-free nuclear energy thought to be worth trillions of dollars.

Both China and India have also floated ideas about extracting Helium-3 from the Earth’s natural satellite. Beijing has already landed on the moon twice in the 21st century, with more missions to follow.

In Canada, most initiatives have come from the private sector. One of the most touted was Northern Ontario-based Deltion Innovations partnership with Moon Express, the first American private space exploration firm to have been granted government permission to travel beyond Earth’s orbit.

Space ventures in the works include plans to mine asteroids, track space debris, build the first human settlement in Mars, and billionaire Elon Musk’s own plan for an unmanned mission to the red planet.

Geologists, as well as emerging companies, such as US-based Planetary Resources, a firm pioneering the space mining industry, believe asteroids are packed with iron ore, nickel and precious metals at much higher concentrations than those found on Earth, making up a market valued in the trillions.

Fonte: Mining.com

Data: 03/07/2020

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

SEM ESPERANÇA EM MINERAÇÃO, ÍNDIOS DA MAIOR JAZIDA DO MINÉRIO DO MUNDO SONHAM COM TURISMO E RECLAMAM DE ESTRADA

TERRA INDÍGENA BALAIO (AM)

No mapa, São Gabriel da Cachoeira (AM), a 2h20 de voo de Manaus, é um ponto verde na floresta amazônica. Para quem vive na região, trata-se do epicentro de um município de tamanho comparável à Inglaterra, onde habitam 23 povos indígenas. A algumas dezenas de quilômetros da cidade, está o maior depósito mundial de nióbio, o mineral que se tornou uma obsessão para o presidente Jair Bolsonaro e para a extrema direita brasileira.

São 2,9 bilhões de toneladas no subsolo, nunca explorados. Sobre a jazida, montanhas, formações rochosas de diversos formatos, orquídeas e lagoas de diferentes cores formam uma das regiões mais singulares da Amazônia, distante da infinita planície verde associada à região.

Antes do início da pandemia do novo coronavírus, a reportagem da Folha visitou o local, conhecido como Seis Lagos, guiada por moradores da Terra Indígena (TI) Balaio. As comunidades ali debatem se a região tem mais vocação para o turismo ou para a mineração, embora estejam mais preocupados com seu quase isolamento devido ao péssimo estado de conservação da BR-307, a rodovia de acesso.



"Uns têm os olhos pra trabalhar no minério, mas, se for ver bem, é muito complexo de trabalhar. Outros veem com potencial de trabalhar com etnoturismo e ecoturismo", diz o agente de saúde indígena André Veloso, 32, que acompanhou a reportagem, sobre a opinião dos 350 moradores da TI, de diversos povos.

De novo, o mapa pode ser enganoso. A distância de São Gabriel até a comunidade Ya-Mirim, que dá acesso a Seis Lagos, conta apenas 85 km, via BR-307, cruzando a linha do Equador. Na prática, a rodovia federal é um corredor de lama, por onde só passam Toyotas Bandeirantes. A reportagem percorreu o trecho em 4h30, numa velocidade de 19km/h. O preço: R\$ 2.000, ida e volta.

Após chegar à comunidade e passar a noite ali, foi preciso subir o igarapé com o mesmo nome por cerca de 2h. Depois, a parte mais exaustiva: 4h de caminhada montanha acima. No caminho, a altura das árvores diminui à medida que a altitude sobe e o terreno fica mais pedregoso. A primeira lagoa, de águas verdes, aparece no caminho, no fundo de um vale.

A reportagem acampou por uma noite à beira do lago do Dragão, cercado por rochas pontiagudas de cor terrosa e uma floresta de média estatura e arbustos, alguns com flores. A neblina é comum e, quando chega, cobre tudo num piscar de olhos.

A exploração do nióbio em Seis Lagos tem dois obstáculos quase intransponíveis. Pela legislação atual, Seis Lagos está fora do alcance da mineração. O local está incluído em três áreas protegidas e sobrepostas: além da TI Balaio, a área pertence ao Parque Nacional Serra da Neblina e à Reserva Biológica Morro dos Seis Lagos, esta do governo estadual do Amazonas. Nenhuma dessas categorias permite a atividade.

Outro impeditivo à exploração do nióbio amazônico está na demanda. As projeções são unânimes em afirmar que as reservas atuais em exploração têm capacidade para atender ao mercado mundial durante várias décadas.

O Brasil já é o principal produtor mundial, com 88% do total, segundo o Serviço Geológico dos EUA. A maior parte do nióbio vem da CBMM (Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração), sob controle da família sócia do Itaú Unibanco, localizada em Araxá (MG). A empresa estima ter reservas para produzir por pelo menos mais dois séculos.

"Não existe interesse de mineradoras no Morro de Seis Lagos", afirma o geólogo Tadeu Veiga. Atualmente, professor voluntário da UnB (Universidade de Brasília), ele esteve na região em 1997, representando uma empresa de mineração. À época, a CPRM (Serviço Geológico do Brasil) tinha a intenção de licitar os direitos minerários, mas os planos nunca foram adiante.

Apesar da falta de mercado para um eventual aumento da produção, Bolsonaro costuma usar o nióbio como justifica para abrir a mineração em terras indígenas - a atividade está permitida pela Constituição, desde que regulamentada e após consulta prévia aos povos afetados.

Em 2016, quando se preparava para a campanha presidencial, Bolsonaro produziu um vídeo sobre o nióbio, gravado em Araxá. Com um pedaço de mineral nas mãos, disse: "Isto pode nos dar independência econômica." Em outro trecho, menciona a demarcação de terras indígenas como uma barreira à exploração mineral.

A declaração mais recente foi em junho de 2019. Do Japão, onde participava a reunião do G20, Bolsonaro exibiu uma bijuteria com nióbio durante transmissão pelo Facebook. Disse que o cordão valia R\$ 4.000, mais caro do que ouro.

A informação está errada. Um grama de ouro (R\$ 293 no final de maio) é mais caro do que um quilo de ferronióbio (cerca de R\$ 215), o produto mais caro da CBMM.

A falsa noção de que o nióbio é a panaceia para a economia brasileira tem origem no líder ultranacionalista Enéas Carneiro, cujas ideias influenciam o bolsonarismo. "Só o nióbio permitir-nos-ia ter uma moeda própria, lastreada nele", disse, em uma entrevista em 2006, um ano antes de morrer.

Em fevereiro, Bolsonaro enviou ao Congresso um projeto de lei sobre a abertura de terras indígenas para mineração. A proposta, criticada pela maior parte do movimento indígena, prevê que os povos afetados terão poder de veto em caso de garimpos, mas não de grandes projetos mineradores.

Ao justificar o projeto à época, Bolsonaro disse que "[o indígena] tem coração, tem sentimento, tem alma, tem necessidade e tem desejos e é tão brasileiro quanto nós".

A promessa de legalização tem estimulado a invasão de garimpeiros, aliada à orientação de Bolsonaro para frear operações do Ibama. Em abril, dois coordenadores de fiscalização do órgão ambiental foram demitidos em represália ao fechamento de garimpos em terras indígenas localizadas na região do Médio Xingu, no Pará.

Impulsionados também com a alta de preço do ouro, os garimpos ilegais crescem nas TIs Raposa/Serra do Sol (RR), Yanomami (RR/AM) e Munduruku (PA), entre outras.

A TI Balaio não tem garimpo, mas é rota de garimpeiros rumo a explorações ilegais de ouro na TI Yanomami e na Venezuela. Para isso, contam com a vista grossa da barreira do Exército na estrada, que não os barra.

Quando a reportagem passou ali, os militares parecem apenas preocupados em identificar estrangeiros – depois de algumas perguntas para confirmar a nacionalidade, reportagem nem sequer precisou mostrar documentos. Na comunidade Ya-Mirim, ao menos três garimpeiros aguardavam transporte.

As condições precárias da rodovia são um martírio tanto para os indígenas da TI Balaio quanto para os ianomâmis da comunidade Maturacá, onde vivem 2.100 pessoas. Usando o igarapé Ya-Mirim, que atravessa a comunidade, eles ainda têm de viajar por cerca de um dia até chegar a casa, a bordo de canoas movidas a rabeta, o motor mais econômico.

Os indígenas costumam ir com frequência a São Gabriel da Cachoeira receber o Bolsa Família e outros benefícios, e não raro gastam todo o dinheiro do programa com transporte.

Por causa do preço alto, o frete da Toyota costuma ser dividido entre famílias. Muitos viajam na carroceira, incluindo criança e idosos. Problemas mecânicos e carros atolados são mais regra do que a exceção, e não é raro pernoitar na estrada até outro "toyoteiro" fazer o resgate.

"É muito triste, o povo aqui sofre muito", afirma Tiago Fernandes Sampaio, 49, tucano, presidente da associação da TI Balaio. "Antes, eram 2h de viagem. Agora, não. Às vezes, sai na madrugada e chega de madrugada do dia seguinte, as peças da Toyota quebram no meio. Quando tem resgate de pessoas com doença grave, às vezes morre no meio da estrada."

Além de moradores e garimpeiros, essa também é a rota para turistas dispostos a subir o Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil, acessível via Maturacá. A montanha está dentro tanto do parque nacional com o mesmo nome quanto do território ianomâmi. Antes, precisam viajar até São Gabriel a partir de Manaus –até a suspensão devido à pandemia da Covid-19, havia três voos comerciais por semana.

O projeto de visitação, autorizado pela Funai e pelo ICMBio, seria uma fonte de renda para os ianomâmis de Maturacá e teria início em março, mas a pandemia da Covid-19 adiou a abertura indefinidamente.

A experiência dos ianomâmis recepcionando visitantes tem sido acompanhada com atenção na TI Balaio. "O mais viável no momento seria o turismo", afirma o cacique Veloso, do povo desana, ao comparar com a mineração. "Tem vários lugares bonitos, a comunidade, cachoeira, igarapés pra tomar banho. Falta só organização e estrutura."

"A junção do ecoturismo com a vivência étnica junto às populações indígenas, que receberão os visitantes, trará um tempero especial ao destino", diz o empresário de turismo Kleber Bechara, ex-chefe da Rebio Seis Lagos.

Para o empresário, há potencial para o turismo de expedição. "É uma região remota, de difícil acesso. Com a infraestrutura adequada, pode se tornar um atrativo a mais para um nicho específico de público, que procura por essas experiências, com segurança."

Via email, o Centro de Comunicação Social do Exército informou que está realizando obras de recuperação e conservação por meio de duas operações, a um custo de R\$ 19,2 milhões, para manter a trafegabilidade até a TI Balaio. A previsão para a conclusão das obras é novembro deste ano.

Sobre a política sobre a passagem de garimpeiros pela barreira, a resposta foi de que "não há nenhum tipo de bloqueio realizado pelo Exército Brasileiro na referida BR". A reportagem mantém a informação de que existe, sim, uma barreira, havendo inclusive um portão.

Com ou sem exploração de nióbio, a mineração tem sido um dos temas mais discutidos entre os indígenas desde pelo menos a década de 1970, quando garimpeiros e mineradores invadiram a região.

Para expulsá-los, os indígenas se organizaram por meio da Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro). Fundada em 1987, pressionou pela demarcação das terras indígenas. Hoje, reúne 90 associações, que representam 700 comunidades e cerca de 50 mil pessoas, espalhados entre 23 povos.

"Invadiram o nosso território e estávamos sem segurança. Houve matança entre indígenas e os garimpeiros", afirma o diretor da Foirn Adão Henrique, do povo baré. "Com a força do movimento e da Funai, houve a retirada".

Contrária à proposta de Bolsonaro, a Foirn nunca foi procurada para discutir mineração pelo governo federal, segundo Henrique. O dirigente assegura que a entidade está aberta a conversar sobre o tema.

"Queremos desenvolvimento, mas uma discussão participativa. Tem de ser passo a passo, cumprir a legislação, tanto internacional quanto brasileira", afirma. "O movimento vai continuar firme contra esse pensamento do governo atual, para não deixar que os povos indígenas do rio Negro sejam prejudicados ou iludidos com projetos que não darão certo."

Politicamente distante da Foirn, o prefeito de São Gabriel da Cachoeira, Clóvis Saldanha (PT), o Corubão, do povo tariano, se elegeu prometendo regularizar garimpeiros indígenas _atividade que ele mesmo já exerceu. Ao assumir, em 2018, criou o Departamento de Pequena Mineração Responsável, com o objetivo de fomentar a atividade sem grandes empresas.

Na assessoria do departamento, está Cisneia Menezes Basilio. Do povo desana, é a primeira geóloga indígena do país, após se formar pela Ufam (Universidade Federal do Amazonas).

Basilio afirma que a região tem uma grande diversidade geológica, mas ainda pouco estudada. Cita ocorrências de tantalita (usado na indústria tecnológica) e ouro, além de pedras como ametista, quartzo, turmalina e água-marinha. Assim como outros especialistas, ela não vê viabilidade na exploração de nióbio em Seis Lagos.

Na prefeitura, a geóloga diz que o objetivo é estimular a incipiente produção de biojoias por meio da capacitação de artesãos e levar informação sobre exploração mineral e legislação às comunidades.

"Quando as comunidades souberam da existência do departamento e que tinha uma geóloga, eles começaram a vir com as suas amostras para tentar identificar o que era, querendo saber de preço, achando que aquele cascalho de quartzo, de ametista ou aqueles farelinhos de tântalo poderiam mudar as suas vidas", diz, em entrevista no seu escritório, onde guarda várias dessas amostras.

"O povo de São Gabriel não está carente de liberação ou de mineração, mas de informação. O que está tramitando no Congresso é mineração em grande escala, e muitas vezes o nosso povo lá da base entende que é algo que eles vão trabalhar, algo que irá beneficiá-los diretamente. A gente sabe que não é verdade", afirma.

"A gente não os ilude, pelo contrário. O papel do departamento é esclarecer essa população sobre os seus direitos previstos na Constituição de 1988 e ver as possibilidades de atividades em que o indígena possa ser protagonista no usufruto dos seus recursos naturais."

Fonte: Folha de S. Paulo

Autores: Fabiano Maisonnave e Lalo de Almeida

Data: 04/07/2020